



Patricia Carreiro*

A lua que nos dá colo!

**Sorriso para ti. Um milésimo sorriso
Aquele que celebra ou cura a dor
Juntos, venceremos
Desafiaremos o desamor
Conquistaremos a glória
O melhor ainda está para vir
Inunda o coração de esperança!**

Aproveitando uns dias de férias, dei colo à minha filha. Ah quantas vezes já dela falei neste jornal e quantas, parece-me, irei falar. Quem é mãe e pai sabe, automaticamente, o poder que dar colo aos filhos, com tempo e qualidade, tem na nossa vida!

Vivemos a correr, a fugir, diariamente, e não paramos para apreciar o bom que a vida tem para nos dar. É a lei da vida, claro, mas esta vida tem uma lei maior que qualquer outra: amarmos com qualidade. Por isso, por estes dias brinquei, sujei-me de terra, li histórias infantis, cantei e tudo o mais que se possam imaginar.

Mas o que mais me marcou nesta semana foi um sono, em plena luz do dia, que fiz com a minha filha ao colo. Fui eu quem lhe deu colo ou terá sido ela a mim? Boa pergunta! Seja como for, percebi rapidamente que não necessito de lua ou de sol, de luz ou de escuridão, para aproveitar este colo e o sossego de dormir uma sesta com um filho.

Ainda não dormia quando me lembrei que este seria o enquadramento para o texto a escrever sobre o livro *A lua que sou*, de Vera Santos, pois se a minha Clarisse me dava colo naquele momento, o livro da Vera outro colo me deu. Eu sei o que estão a pensar: grande introdução para dizer isso. Mas foi sentida, naturalmente!

Quem me lê sabe que gosto de fazer relações diretas entre o que leio e o meu dia-a-dia e esta leitura não foi exceção.

A Vera Santos é uma querida amiga e colega do mundo do jornalismo que me acompanha desde os primeiros passos enquanto estagiária, há muitos anos atrás.

Sempre nutri um carinho muito especial pela Vera e ler as suas palavras num livro de prosa lírica, editado pelas Letras Lavadas, foi de facto um prazer imenso.

Tenho vindo a mudar a minha opinião sobre a poesia, como sabem, e este livro foi mais um indicador para isso.

Entre reflexos de si mesma, o poder que a Lua tem na sua vida e a sua relação com a família, Vera Santos faz-nos sentir dentro deste livro como se o tivéssemos escrito com ela.

Vamos ao seu passado, sabendo do seu presente; percebemos a sua ânsia de futuro, sem nunca esquecer o agora. E quem não gosta de ler e sentir a intimidade literária de alguém que conhece, seja, neste caso, pelo grande ecrã ou mesmo por ter partilhado momentos pessoais e profissionais com esta pessoa? E não se trata de uma questão de coscuvilhice alheia ou de curiosidade a mais; não. Todos nós temos intimidades, sofrimentos, alegrias e tristezas.

Por isso nos identificamos tanto quando alguém se mostra tal como

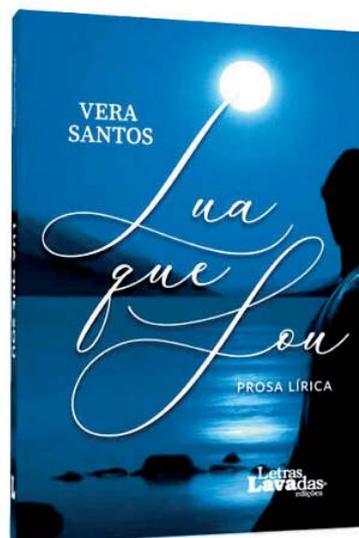
é, seja lua, seja sol;

Por isso nos sentimos tão bem a ler um bom livro que nos traz companhia e alento, e, sem margem para dúvida, a literatura é o espelho de nós próprios, em tão diversos momentos;

Por isso somos lua ou sol quando lemos, conforme o caminho que o autor nos quiser fazer percorrer.

A lua que sou traz-nos um céu de estrelas com um brilho sem limites, alternando-se entre estilos literários e conferindo-lhe um constante movimento que em tudo nos seduz e em que nada nos reduz. Somos mais simples com este livro, com esta poesia ou esta prosa lírica. Às tantas não sabia o que estava a ler ou quem estava a ler; sim, esquecemos estas questões quando nos entranhamos intensamente num livro.

E sem mais delongas, porque a minha filha precisa de colo novamente, deixem-se banhar por esta lua e por esta recente autora que, dando do seu colo, nos faz ser mais completos com a leitura do seu livro!



Boas leituras!

*Diretora da Livraria Letras Lavadas
Editora da 9idazoresnews.com

Regressam os Colóquios da Lusofonia em 2022 no formato presencial

O 35º colóquio da lusofonia em Belém, de 9 a 12 Abril 2022 vai reunir mais de uma vintena de oradores com sessões de poesia, história, humor e literatura, além dum roteiro cultural local e da sua história rica de cripto-judaísmo.

Neste evento, organizado pela AICL Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, dois proeminentes historiadores Sérgio Rezendes e José de Mello divulgam a História dos Açores.

Este ano os colóquios homenageiam o autor Pedro Paulo Câmara.

Uma mão cheia de escritores açorianos, galegos e portugueses, dentre os quais o aclamado Luís Filipe Sarmiento preenchem várias sessões só com poesia.

Luís Filipe Borges, um corisco mal-amado, falará disso, do humor e do mais que lhe apetece. Pedro Paulo Câmara será o autor homenageado com a presença do decano dos poetas Eduíno de Jesus e de Álamo Oliveira.

Ana Paula Andrade terá várias intervenções musicais divulgando o cancionário açoriano. O historiador e cientista Joaquim Fernandes falará do seu último livro "Apocalipses, os fins do mundo na História de Portugal".

Isabel Rei trará o som da guitarra galega. Hilarino da Luz leva-nos à sua terra Cabo Verde e à herança judaica.

Luís Gaivão encantar-nos-á com a exposição dele e de Luís Ançã "Angola, Muxima, desenho e texto".

Renato Epifânio apresenta a mais

recente edição de "A Nova Águia" e haverá mais quatro apresentações literárias. Dentre várias apresentações literárias temos Francisco Madruga "Histórias(de)Vidas", Eduíno de Jesus "Tenuíssima espuma de luz" e as pré-apresentações de "Nova Antologia de Autores Açorianos" de Helena Chrystello, e "Crónica do quotidiano inútil (volumes 1 a 6, 50 anos de vida literária) de Chrys Chrystello.

Além de várias actuações musicais locais, haverá visita a museus.